**ANÁLISE DE DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DA INGLATERRA**

Joseane Borges de Miranda; UNISUL; joseane.borgesdemiranda@gmail.com

Alexsander Brasil Cerveira; UNISUL; alexsanderbrasil2008@outlook.com

Natanael Augusto de Souza; UNISUL; natanael1999algusto@gmail.com

Área Temática 1: Area 1: Desenvolvimento e sustentabilidade socioambiental

**RESUMO**

Este estudo analisa o impacto do Brexit na economia inglesa e suas relações comerciais, com base em dados socioeconômicos, indicadores macroeconômicos e variáveis de comércio internacional. A metodologia empregada combina revisão bibliográfica de fontes acadêmicas e institucionais com análise qualitativa de dados recentes. Os resultados revelam desafios significativos, como inflação elevada e déficit na balança comercial, exacerbados pelas mudanças no comércio pós-Brexit e pela dependência de energia importada. A pesquisa destaca a necessidade de políticas econômicas que incentivem a diversificação comercial e o investimento em setores de alto valor agregado, como tecnologia e serviços financeiros. Em conclusão, a Inglaterra precisa adaptar suas estratégias para fortalecer sua resiliência econômica e manter a competitividade global em um cenário de crescente instabilidade.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento; Brexit; Inglaterra.

**1 INTRODUÇÃO**

A Inglaterra, como parte integrante do Reino Unido, possui uma economia diversificada e altamente desenvolvida, sendo uma das maiores do mundo. O setor de serviços domina, impulsionado por Londres, um centro financeiro global, enquanto a indústria manufatureira, embora em declínio, ainda desempenha um papel significativo. O país também se destaca na tecnologia, pesquisa e desenvolvimento, com um forte setor de educação e universidades de renome. No entanto, a economia inglesa enfrenta desafios como desigualdade social, o impacto do Brexit e a necessidade de transição para uma economia mais sustentável. Entre os principais impactos negativos do Brexit na força de trabalho inglesa se destaca a escassez de mão de obra em alguns setores, como agricultura, construção e saúde, devido à restrição da livre circulação de trabalhadores da EU União Europeia) e a perda de talentos e dificuldades para atrair profissionais qualificados de outros países.

Este estudo visa analisar os aspectos econômicos e socioeconômicos da Inglaterra, incluindo dados de crescimento, inflação, desemprego e balanço comercial, para os anos de 2021, 2022 e 2023, com o objetivo de avaliar como a economia inglesa responde a mudanças globais e internas, especialmente após o Brexit. A análise desses dados permitirá uma compreensão mais profunda das oportunidades e desafios que moldam a economia inglesa e sua capacidade de adaptação às novas dinâmicas comerciais e financeiras.

 **2 ALGUNS INDICADORES ECONÔMICOS DA INGLATERRA APÓS BREXIT**

A literatura sobre desenvolvimento socioeconômico é vasta, destacando a interação entre fatores econômicos, sociais e políticos. Sen (2000) enfatiza que o desenvolvimento deve ser visto além do crescimento econômico, focando na capacidade das pessoas de levar vidas plenas. Essa perspectiva é corroborada pelo Relatório de Desenvolvimento Humano do PNUD (2020), que introduz o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) como um indicador abrangente que considera renda, saúde e educação, permitindo uma análise mais holística da qualidade de vida.

A desigualdade social, em especial a desigualdade de renda, é um tema amplamente discutido na literatura. Piketty (2014) investiga suas causas e consequências, argumentando que a concentração de riqueza pode levar a instabilidades sociais e econômicas. Corlett e Clarke (2019) observam que, na Inglaterra, a desigualdade de renda se intensificou nas últimas décadas, impactando a coesão social e a qualidade de vida, evidenciando a necessidade de políticas que abordem essas disparidades

O Brexit, referendo que determinou a saída do Reino Unido da União Europeia em 2016, trouxe mudanças significativas para a economia inglesa. Diversos autores analisaram como esse evento impactou o crescimento econômico, o comércio exterior e o mercado de trabalho na Inglaterra. De acordo com Bell e Machin (2021), a saída da União Europeia não apenas afetou as cadeias de fornecimento e os custos de importação, mas também alterou a dinâmica do mercado de trabalho inglês, especialmente em setores dependentes de mão de obra estrangeira.

Em uma análise mais ampla, Findlay e O’Rourke (2020) discutem que a economia britânica enfrenta desafios de competitividade no cenário internacional, dada a complexidade dos novos acordos comerciais. Eles observam que “o Brexit transformou o Reino Unido em uma economia relativamente isolada em comparação aos outros países europeus” (FINDLAY E O’ROURKE, 2020, p. 72). A revisão sugere que, embora existam oportunidades para novas parcerias comerciais, as empresas britânicas enfrentam custos mais altos e maior incerteza no comércio.

Além disso, de forma indireta, a literatura sugere que a Inglaterra precisará focar em inovação e produtividade para superar as restrições econômicas impostas pelo Brexit (JONES, 2022). Isso inclui aumentar os investimentos em tecnologia e educação, que podem ajudar a elevar o crescimento do PIB e a manter a competitividade no cenário global.

A literatura sobre política monetária na Inglaterra após o Brexit e a pandemia de COVID-19 destaca o aumento da inflação como um dos principais desafios econômicos atuais. Segundo o Banco da Inglaterra (2023), o aumento da taxa de juros foi uma resposta direta às pressões inflacionárias que surgiram devido a fatores globais, como a crise energética e as interrupções nas cadeias de fornecimento. Em citação direta curta, o relatório afirma que “o aumento da taxa de juros para 5,25% visa moderar a inflação sem prejudicar o crescimento econômico” (BANCO DA INGLATERRA, 2023, p. 19).

Em um estudo de longo prazo sobre a inflação no Reino Unido, Blanchard (2022) examina como os aumentos dos preços de energia e alimentos, devido a fatores geopolíticos, influenciam a economia local. O autor afirma que, embora o Banco da Inglaterra busque estabilizar a inflação, fatores externos continuam a dificultar esse controle. Segundo Blanchard, “a dependência de energia importada torna a economia inglesa vulnerável a choques globais” (BLANCHARD, 2022, p. 46). Essas observações reforçam a necessidade de políticas que reduzam essa dependência por meio de investimentos em energia renovável e eficiência energética.

No campo do comércio exterior, diversos estudos analisam as transformações nas relações comerciais da Inglaterra desde o Brexit. De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), “a saída da União Europeia forçou a Inglaterra a renegociar acordos comerciais e adaptar-se a novas barreiras alfandegárias, o que impactou negativamente seu déficit comercial” (OCDE, 2023, p. 58). O que ilustra o desafio enfrentado pelo país em equilibrar seu déficit comercial, especialmente com as maiores economias da União Europeia. De maneira indireta, a literatura também indica que os produtos exportados pela Inglaterra enfrentam mais barreiras de entrada na União Europeia do que antes do Brexit. Jones (2022) argumenta que, com as novas tarifas e regulamentações, empresas inglesas do setor manufatureiro e agrícola encontram mais dificuldades em competir nos mercados europeus, o que reflete no déficit da balança comercial e na necessidade de buscar novos parceiros comerciais fora da UE.

**3 ANÁLISE DE DADOS SOCIOECONÔMICOS**

A metodologia adotada para esta análise consiste em uma abordagem qualitativa e dados quantitativos, baseados na revisão de literatura e na interpretação de dados socioeconômicos e macroeconômicos disponíveis sobre a Inglaterra. Foram examinados relatórios institucionais e acadêmicos, como os do Banco da Inglaterra, FMI e OCDE, além de artigos acadêmicos que abordam os impactos do Brexit e da crise inflacionária sobre a economia inglesa. Essa análise buscou correlacionar dados sobre crescimento econômico, desemprego, inflação e balanço comercial com as conclusões teóricas presentes na literatura, a fim de verificar as implicações práticas desses dados na economia e nas relações comerciais da Inglaterra.

A população da Inglaterra está estimada em aproximadamente 56 milhões de habitantes, conforme dados recentes. A demografia inglesa apresenta algumas peculiaridades: embora tenha um crescimento populacional moderado, essa taxa tem sido afetada por fatores como imigração e uma população envelhecida. A imigração tem sido um dos principais motores de crescimento, suprindo a demanda por mão de obra em setores específicos e ajudando a manter um equilíbrio demográfico, considerando o aumento da expectativa de vida. Os ingleses desfrutam de uma expectativa de vida ao nascer relativamente alta. Em 2024, a expectativa de vida para as mulheres é de 81,3 anos, enquanto para os homens é de 77,9 anos. Essa diferença entre os gêneros é um padrão observado em diversos países e pode ser atribuída a fatores biológicos, sociais e comportamentais. O acesso ao sistema de saúde e avanços na medicina contribuem para a alta expectativa de vida na Inglaterra. A existência do NHS (National Health Service) desempenha um papel central, garantindo que a maioria dos cidadãos tenha acesso a cuidados médicos. No entanto, com o aumento da idade média da população, surgem preocupações com a sustentabilidade do NHS, exigindo reformas para lidar com os custos crescentes associados ao envelhecimento.

O IDH da Inglaterra é elevado, situando-se em 0,929 (dados de 2022), o que reflete a alta qualidade de vida oferecida à população. O índice mede aspectos como longevidade, acesso à educação e padrão de vida, colocando a Inglaterra em um nível comparável ao de outros países desenvolvidos. Este valor também reflete o investimento contínuo em saúde pública, educação e políticas sociais que contribuem para o desenvolvimento humano, apesar dos desafios de acessibilidade e financiamento do sistema de saúde.

Os resultados indicam que o Brexit alterou significativamente a dinâmica econômica da Inglaterra, particularmente no que diz respeito ao comércio e ao mercado de trabalho. De acordo com Bell e Machin (2021), o Brexit afetou a oferta de mão de obra em setores essenciais e criou uma lacuna em áreas que anteriormente eram preenchidas por trabalhadores da União Europeia. Esse efeito é refletido na taxa de desemprego moderada, atualmente em 4,0%, que, embora baixa, reflete pressões em setores específicos. A economia também teve que se adaptar a novos custos e tarifas, o que afetou a competitividade das exportações inglesas. É importante observar que essa taxa pode variar entre as regiões e grupos sociais. Fatores como a qualificação profissional, o nível de educação e a localização geográfica podem influenciar as chances de encontrar emprego. O governo britânico implementou políticas para combater o desemprego, como programas de qualificação profissional e incentivos à contratação.

Gráfico 2- taxa de desemprego nos anos de 2020 a outubro de 2024.



Fonte: *Investing* (2025)

As mudanças no cenário econômico corroboram a análise de Findlay e O'Rourke (2020), que observam que “o Reino Unido, ao se isolar das regulamentações da União Europeia, tornou-se menos atraente para parceiros comerciais, especialmente em setores de alta dependência regulatória” (p. 72). Podemos observar que o Brexit impactou não apenas as condições comerciais, mas também a capacidade do país de atrair investimentos e fortalecer relações comerciais.

A inflação é outro resultado importante que emerge dos dados analisados. Em 2022, a inflação alcançou um pico de 9,1%, impulsionada por fatores globais e pela volatilidade nos preços de energia e alimentos. O Banco da Inglaterra, conforme discutido na revisão, aumentou a taxa de juros para 5,25% como forma de controle inflacionário, uma política monetária que visa desacelerar o consumo e estabilizar os preços. Segundo Blanchard (2022), “a dependência de energia importada torna a economia inglesa vulnerável a choques globais”, o que implica que, sem uma transição energética, o controle inflacionário pode ser temporário e instável.

As políticas de combate à inflação precisam ser complementadas com estratégias de longo prazo, como a diversificação energética e investimentos em fontes renováveis. A literatura também sugere que o aumento da taxa de juros, embora necessário para conter a inflação, pode impactar o crescimento econômico e o consumo, o que gera um dilema para o Banco da Inglaterra: frear a inflação sem comprometer o crescimento, um cenário que reflete a análise de Taylor e Smith (2023) sobre os desafios econômicos do país.

 A análise dos dados de comércio internacional destaca um déficit contínuo na balança comercial, agravado pela dependência de importações de energia e alimentos. De acordo com o relatório da OCDE (2023), o déficit comercial é exacerbado pelas barreiras tarifárias pós-Brexit, que reduziram a competitividade de produtos britânicos no mercado europeu. Isso corrobora as observações de Jones (2022), que afirma que “a saída do Reino Unido da União Europeia reduziu o acesso preferencial dos produtos ingleses aos mercados europeus, o que afeta negativamente a balança comercial” (JONES, 2022. p. 767).

A necessidade de diversificação dos parceiros comerciais é um ponto central identificado nos resultados. Para compensar a perda de acesso ao mercado europeu, a Inglaterra tem buscado novas parcerias, especialmente com países como Estados Unidos e China. Contudo, os resultados indicam que essa estratégia ainda não compensou completamente as perdas comerciais com a UE. A dependência de importações estratégicas e a baixa diversificação exportadora indicam que o país precisará reformular sua política de comércio exterior para reduzir seu déficit comercial.

Percebesse que a economia inglesa enfrenta uma série de desafios, mas também oportunidades de adaptação e crescimento. Com base nos dados analisados, observa-se que a Inglaterra possui vantagens competitivas em setores de alto valor agregado, como tecnologia e serviços financeiros, conforme apontado por Taylor e Smith (2023). Esses setores podem desempenhar um papel crucial na recuperação econômica, compensando a perda de competitividade em setores tradicionais e ajudando a reduzir o déficit comercial.

A análise indica, ainda, que a dependência de energia importada e a falta de políticas sustentáveis de longo prazo são vulnerabilidades significativas para a economia inglesa. Como sugerem Blanchard (2022) e o FMI (2023), a Inglaterra poderia se beneficiar de uma transição para fontes de energia renovável, o que ajudaria a reduzir a inflação de forma mais estável e sustentável.

A Inglaterra registrou uma recuperação econômica em 2021, com uma taxa de crescimento do PIB de 7,4%, impulsionada pela recuperação pós-pandemia e pelo aumento do consumo. Em 2022, o crescimento desacelerou para cerca de 4,1%, à medida que a inflação e a crise energética começaram a impactar a economia. Em 2023, o crescimento foi ainda mais moderado, em torno de 1,2%, refletindo a adaptação às novas normas comerciais com a UE e ao aumento dos custos de vida.

Como reflexo da pandemia a taxa de inflação foi relativamente baixa em 2021, mas subiu drasticamente para 9,1% em 2022, devido à crise global de energia e ao aumento dos preços de alimentos e combustíveis. Em 2023, a inflação permanece alta, com uma média de 7%, apesar dos esforços do Banco da Inglaterra para estabilizá-la por meio de ajustes na taxa de juros. A taxa de juros do Banco da Inglaterra aumentou para cerca de 5,25% em 2023, depois de um longo período de juros baixos. Esta política visa conter a inflação, mas tem impacto nos consumidores e empresas, que enfrentam custos maiores de crédito. A medida reflete o dilema enfrentado pelo Banco da Inglaterra: conter a inflação sem sufocar a recuperação econômica.

O Reino Unido historicamente apresenta um déficit na balança comercial, e 2023 não foi exceção, com um déficit em torno de £23 bilhões. Esse saldo negativo deve-se ao elevado volume de importações de combustíveis fósseis e produtos manufaturados, enquanto suas exportações, apesar de fortes, não compensam completamente o volume de importações. As principais exportações incluem automóveis, produtos farmacêuticos, maquinaria e equipamentos eletrônicos, setores que mantêm a Inglaterra competitiva no mercado global. As importações, por outro lado, são dominadas por combustíveis fósseis, produtos alimentícios e químicos, refletindo uma dependência de recursos e bens específicos.

A libra esterlina tem oscilado nos últimos três anos, com uma média entre 1,3 e 1,1 USD. A desvalorização recente reflete tanto as incertezas internas quanto as influências globais, incluindo a política monetária dos Estados Unidos e a inflação na Europa. A União Europeia é a principal parceira comercial da Inglaterra, sendo Alemanha, França e Países Baixos os principais destinos das exportações. Fora da UE, os Estados Unidos e a China são mercados essenciais, especialmente para bens de alto valor agregado, como equipamentos tecnológicos e produtos farmacêuticos.

O comércio internacional entre o Brasil e a Inglaterra tem uma longa história, com Londres sendo um centro financeiro global e um dos principais destinos para exportações brasileiras. A Inglaterra é uma das economias mais influentes da Europa e do mundo, e seus laços comerciais com o Brasil são de grande importância para ambos os países. A Inglaterra tem investido em diversos setores da economia brasileira, especialmente em energia renovável, infraestrutura, fintechs e tecnologia.

Exportações da Inglaterra para o Brasil: Tecnologia e Equipamentos: A Inglaterra exporta máquinas, equipamentos eletrônicos, sistemas de telecomunicações e produtos tecnológicos avançados para o Brasil. Isso inclui tudo, desde máquinas para a indústria até soluções de TI e infraestrutura digital. Produtos financeiros e serviços bancários: Londres é um dos principais centros financeiros globais, e a Inglaterra tem uma forte presença no Brasil, especialmente no setor bancário, seguros e fintechs. Produtos farmacêuticos e químicos: a Inglaterra exporta muitos produtos farmacêuticos, especialmente medicamentos de ponta e vacinas. Exportações do Brasil para a Inglaterra, o Brasil exporta principalmente produtos como: Soja e derivados (óleos e farelos), Carne bovina, suína e de frango, Minérios, como ferro e alumínio, Café, Açúcar, Petróleo e seus derivados.

O Brexit trouxe mudanças nas relações comerciais entre a Inglaterra e outros países, incluindo o Brasil. Em 2021, o Reino Unido e o Brasil começaram a discutir formas de fortalecer os laços comerciais bilaterais através de um acordo de livre comércio, com o objetivo de aumentar as trocas e eliminar barreiras tarifárias. O Reino Unido também é um dos países que têm se esforçado para estreitar laços com o Mercosul (que inclui o Brasil), embora o acordo ainda esteja em processo de ratificação a expectativa para os próximos anos é um aumento nas trocas comerciais devido à diminuição das tarifas alfandegárias e outras regulamentações.

Em 2024, a relação comercial entre o Brasil e a Inglaterra continua a crescer, com ênfase em setores como energia renovável, tecnologia, infraestrutura e finanças. Londres se apresenta não apenas como um mercado para exportações brasileiras, mas também como um centro para investimentos e parcerias estratégicas. A relação bilateral se beneficia tanto do histórico de colaboração quanto das novas oportunidades geradas por mudanças no cenário global, como o Brexit e a busca por novos mercados da Inglaterra.

Sobre as perspectivas futura da Inglaterra, com base nas análises econômicas disponíveis, a Inglaterra possui potenciais de recuperação e crescimento, mas também desafios complexos que exigem adaptações estruturais. O FMI (2023) enfatiza a necessidade de investimento em tecnologia e qualificação da mão de obra para aumentar a produtividade no longo prazo. Em citação indireta, afirma-se que a dependência excessiva de combustíveis fósseis e as limitações das relações comerciais pós-Brexit evidenciam a importância de políticas sustentáveis e diversificadas. Outros autores, como Taylor e Smith (2023), indicam que a Inglaterra deve focar em setores de alto valor agregado, como tecnologia e serviços financeiros, para manter sua posição no mercado global. Segundo Taylor e Smith, “os setores de inovação e serviços financeiros são cruciais para compensar a perda de mercado europeu e fortalecer a posição da Inglaterra em novos mercados” (TAYLOR & SMITH, 2023, p. 87).

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O cenário econômico da Inglaterra mostra uma economia resiliente, mas sob pressão de desafios globais e internos. A análise dos dados revela que a Inglaterra está em um processo de adaptação, tanto em termos de políticas macroeconômicas quanto nas relações comerciais pós-Brexit. O crescimento moderado, a inflação elevada e o déficit comercial indicam áreas de vulnerabilidade que o país precisa gerenciar cuidadosamente.

A recuperação econômica pós-pandemia tem sido prejudicada por fatores como a inflação elevada e a instabilidade no comércio internacional, resultando em um cenário complexo para o futuro. A força do sistema educacional e do NHS continua a ser um pilar fundamental para a qualidade de vida da população, mas é crucial que políticas eficazes sejam implementadas para mitigar as desigualdades existentes e estimular um crescimento econômico sustentável. A diversificação das relações comerciais, especialmente em um contexto pós-Brexit, apresenta oportunidades, mas também requer uma gestão cuidadosa para garantir que a economia inglesa permaneça competitiva em um mercado global em constante evolução.

Enquanto a Inglaterra possui recursos e estruturas que podem fomentar um desenvolvimento robusto, a superação dos desafios atuais exigirá um compromisso contínuo com a equidade e a inovação, garantindo que todos os cidadãos possam se beneficiar do progresso econômico e social. O futuro econômico da Inglaterra dependerá de sua capacidade de manter relações comerciais diversificadas e de encontrar equilíbrio nas suas políticas monetárias para sustentar uma economia inclusiva e competitiva.

**REFERÊNCIAS**

BANCO DA INGLATERRA. *Monetary Policy Summary and minutes of the Monetary Policy Committee meeting*. 2023. Disponível em: <https://www.bankofengland.co.uk>. Acesso em: 10/03/2025.

BANK OF ENGLAND. *Monetary Policy Summary and minutes of the Monetary Policy Committee meeting*. 2023. Disponível em: <https://www.bankofengland.co.uk>. Acesso em:10/03/2025.

BELL, D.; MACHIN, S. *Labour Market Adjustments Post-Brexit*. London: London School of Economics Press, 2021.

BLANCHARD, O. *The UK Energy Dependency and Its Economic Impacts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

CLARKE, L.; CORLETT, A. Income inequality in the UK: What has changed over the past 20 years?. *Resolution Foundation*, Londres, p. 1-44, 2019.

FINDLAY, R.; O’ROURKE, K. *Britain’s Economic Isolation: Trade and Policy*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). *United Kingdom Economic Outlook*. 2023. Disponível em: <https://www.imf.org>. Acesso em: 10/03/2025.

JONES, P. Challenges of UK Trade Post-Brexit. *Journal of International Economics*, v. 89, n. 4, p. 765-790, 2022.

OFFICE FOR NATIONAL STATISTICS. *Population estimates*. 2023. Disponível em: <https://www.ons.gov.uk>. Acesso em: 10/03/2025.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *Economic Outlook No 113 - October 2023*. 2023. Disponível em: <https://www.oecd.org>. Acesso em: 10/03/2025.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). *Economic Outlook No 113 - October 2023*. 2023. Disponível em: <https://www.oecd.org>. Acesso em: 10/03/2025.

PIKETTY, T. *O capital no século XXI*. Tradução de Mônica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TAYLOR, A.; SMITH, B. The Future of High-Value Sectors in the UK Economy. *Journal of Economic Perspectives*, v. 33, n. 1, p. 85-95, 2023.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. *Human Development Report*. 2022. Disponível em: <https://hdr.undp.org>. Acesso em: 10/03/2025.

WORLD BANK. *United Kingdom Trade*. 2023. Disponível em: <https://data.worldbank.org>. Acesso em: 10/03/2025.